Por José Manuel Diogo (Especial para o Correio)
jmdiogo@gmail.com.br



Um homem entra numa cidade



Brasília é uma cidade onde ganhei uma família e tenho cada vez mais raízes. Sinto-me em casa. A capital do Brasil entrou na minha vida também por causa de Portugal. Agora ocupa um lugar que os mapas entre países explicam mal. Na cidade tantas vezes descrita pelos edifícios do poder, vou reconhecendo uma geografia feita de vínculos. É por ela que me oriento quando volto.

Chamo amor a essa pertença, embora a palavra seja pequena para tantas formas de ligação. Há o amor pelos filhos, por quem caminha conosco, pela língua em que pensamos. E há esse afeto por uma cidade que nos recebe sem nos pedir que deixemos de ser de outro lugar. Podemos criar raízes novas sem arrancar as antigas. Reconheço essa experiência na minha vida entre Portugal e o Brasil.

Na entrevista que dei a este jornal, publicada em 16 de novembro, falei das livrarias como lugares de encontro. *Em Um homem entra numa livraria*, o protagonista passa por livrarias que visitei em Bogotá, São Paulo e Lisboa. Entra nelas enquanto revê a sua maneira de amar. Recorda o pai que perdeu e as ausências que deixou na vida dos filhos. Tem palavras para explicar o que sente e alguma dificuldade em perceber de que precisam os outros. Como pai de três filhos, esse desencontro toca-me. Podemos escrever páginas sobre a presença enquanto alguém espera por nós.

Uma passagem concentra essa dificuldade. No calendário, o pai escreveu "jogar às cores". Depois apaga "às cores". O filho poderá querer outra brincadeira na próxima chamada, talvez nenhuma. A hora fica marcada. Cabe ao adulto aparecer e descobrir a vontade de quem está do outro lado. Há amor nessa pequena desistência de decidir o encontro inteiro.

Esse amor exige aceitar que uma criança possa gostar de quem nos magoou. Quando um casal se separa, pedir ao filho que escolha um lado é entregar-lhe uma dor que pertence aos adultos. A proteção contra a violência é uma responsabilidade incontornável. Um filho precisa de crescer sem ter de pedir desculpa por amar.

Às vezes basta uma pergunta feita no tom errado: "Divertiste-te?" Pode ser difícil de responder se um filho aprendeu a medir o que conta pelo efeito que terá em quem o escuta. Uma resposta que devia ocupar dois segundos transforma-se num cálculo que nenhuma criança devia ter de fazer.

Uma democracia enfrenta uma exigência semelhante entre adultos. O vizinho que vota de maneira diferente continua a pertencer ao mesmo país. Na manhã seguinte à votação, os filhos dele podem sentar-se ao lado dos nossos na escola. Quem ganha uma eleição recebe um mandato com limites e precisa governar também para quem votou contra. A convivência democrática começa a ganhar consistência precisamente onde termina a nossa simpatia.

Se essa escola precisa de um telhado novo, a prioridade deve depender do estado do edifício e dos riscos para quem lá estuda. Qualquer vizinho pode perguntar por que motivo essa obra passou à frente de outra. Quem responde presta contas a alguém de quem talvez nunca tenha recebido um voto.

Uma família tem deveres de proteção e orientação diferentes dos de um Estado. A ligação que me interessa está no limite ao poder. O amor torna-se perigoso quando se julga uma autorização para dispor da vida alheia. A política também. Podemos acreditar que sabemos o que é melhor para alguém e ainda assim precisar de o ouvir. A boa intenção não dispensa esse trabalho.

Espero que, ao fechar o livro, o leitor se lembre de alguém a quem queira dar mais tempo. Uma casa começa a existir quando há lugar para alguém além de nós.

José Manuel Diogo é escritor e jornalista